

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE HISTÓRIA

JOERDERSON JOHN SILVA BRITO

RESISTÊNCIAS, FRUSTRAÇÕES E EXPECTATIVAS:

A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ

CAMPINA GRANDE

2010

JOERDERSON JOHN SILVA BRITO

RESISTÊNCIAS, FRUSTRAÇÕES E EXPECTATIVAS:

A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito à obtenção do título de Licenciatura.

Orientador: Celso Gestermeier do Nascimento.

CAMPINA GRANDE

2010

JOERDERSON JOHN SILVA BRITO

RESISTÊNCIAS, FRUSTRAÇÕES E EXPECTATIVAS:

A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito à obtenção do título de Licenciatura.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima
Universidade Federal de Campina Grande

Campina Grande, ____ de _____ de 2010.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

À Maria de Lourdes Silva Brito (*in memoriam*), sem ela não estaria vivo. À Jordan Sérgio Silva Brito (*in memoriam*) sem ele não me tornaria o homem que sou hoje. À minha família Márcia Cristina Diniz Barros e Johann Barros Brito, sem eles a minha vida não teria sentido. Por fim, ao meu orientador Celso Gestermeier do Nascimento só com a ajuda dele foi possível a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Nas orações os agradecimentos a Deus pela vida, saúde, família, trabalho, aos anjos, aos amigos, não podem faltar, desta forma é mister que eu exponha aqui pessoas que tiveram e ainda tem grande importância na minha vida, nos diversos setores, no curso, no trabalho, nos esportes, nos estudos, no lazer, enfim tentarei expor por aqui aqueles que contribuíram de alguma maneira para me tornar a pessoa que sou hoje.

A família certamente teria que vir, em primeiro lugar, agradeço a minha mãe Maria de Lourdes Silva Brito (*in memoriam*), que com muito esforço criou quatro filhos sozinha, fostes uma mulher de valor que faz muita falta em minha vida obrigado por tudo que fizeste por mim.

Ao meu pai José Francisco de Brito (*in memoriam*), espero que descanse em paz. Ao meu irmão Joelson Ricardo Silva Brito (*in memoriam*), vítima da injustiça social partiu muito cedo, obrigado por me defender em vários momentos de minha vida.

À minha irmã Márcia Cristina Silva Brito (auá), uma mulher de gênio forte, que venceu todos os obstáculos da vida e é um exemplo de vitória em minha vida, obrigado por cuidar de mim, por gastar sua mesada para tirar fotos do bebê mais fofo do mundo – que era eu – de ainda me orientar e de se preocupar comigo até hoje, te amo muito.

Ao meu irmão Jordan Sérgio Silva Brito (*in memoriam*), desde muito cedo carregastes nos ombros a responsabilidade de uma família, quando deverias apenas ser o irmão mais velho, fostes um pai, exemplo de homem, de policial, que irei me espelhar eternamente. Farei o possível para que os seus filhos Kennedy, Klessio e Jessica tenham a atenção, carinho e educação que um dia você me proporcionou.

A minha mulher Márcia Cristina Diniz Barros as palavras são incapazes de descrever quanto é maravilhoso viver com você, mas eu vou tentar linda,

inteligente, simpática, meiga, carinhosa, e ainda uma ótima cozinheira, às vezes nem eu acredito que ela dá conta da casa, de dois empregos, do filho e de mim. É a companheira que sempre sonhei em ter do meu lado, obrigado por tudo, pelo nosso filho Johann Barros Brito, uma criança maravilhosa que nasceu em um lar abençoado por ter a melhor mãe do mundo, amo muito vocês.

Há pessoas que foram de grande ajuda na formação de minha educação, fazendo as vezes de mãe, a madrinha preta sem a senhora não sei como teria sobrevivido ao curso de formação da PM, a dona Fátima grande amiga de minha mãe lembro de ótimos momentos em sua casa, a dona Santa, o nome já diz tudo, sempre disposta a oferecer um almoço, ou um jantar. O Jurandir um craque de bola que, com quem sei que vou me espelhar na minha nova missão de pai, a seu Miguel que me deu a 1ª oportunidade de trabalho, a todos vocês muito obrigado.

Aquelas que considero como irmãs, Giselia uma paciência sem igual com um gênio doce e amável, só ela pra entender o gênio de minha irmã, a Adriana que sempre esteve disposta a me ajudar, como também Cristiône, Cristiênia, vocês são exemplos de pessoas maravilhosas.

As pessoas do ensino médio no Estadual da Prata, momentos inesquecíveis, Jonábia, Bell, Eutália, Luciane, Roberta, Fernanda, Tatiana, Albery, Madson, Fabio, enfim... A todos que aqui não coube citar. A minha professora de português Odete que abriu meus olhos para a importância da educação sou eternamente grato. A Luciana que passou de uma presidente de sala chata para se tornar minha amiga confidente. A Nilmara que se mostrou uma garota maravilhosa esteve ao meu lado em momentos difíceis, como na morte de minha mãe, e sempre esteve disposta a me ouvir, sou muito grato por sua amizade e mesmo estando longe espero que possa voltar ao convívio dos amigos. A Eloisa que apesar de tudo, teve sua parcela de contribuição em minha vida, tenho certeza que você vai ser muito feliz nesta vida, só depende de você. E a Shaiene mulher de fibra e garra que tenho muita admiração.

Aqueles que fazem parte do meu ciclo de trabalho, G.Pereira que me deu o bizu do concurso da PM, a Eliabe sempre disposto a ajudar, a Lemerson uma amizade que levei para a vida pessoal e se tornou meu compadre, a Teodósio ser humano espetacular companheiro nos esportes e com quem compartilho bons momentos em minha vida, e espero poder desfrutar ainda mais de sua presença. a Anísio cabra desmantelado mas que tem minha simpatia, vai precisar muito de minha ajuda para entrar em forma. E a todos os colegas do curso de formação, entre eles: Chicó, Charles, Marculino, Aristóteles, Aciole.

Aqueles amigos da infância que a gente até esqueceu o tanto de tempo que já conhece. Joab meu principal rival nos jogos eletrônicos, é pabuloso, parece com batoré e tem um monte de defeitos, mas encara os problemas com bom humor, ótima companhia e um amigo que posso confiar. A Daniel belo o maior cara que conheço - quase dois metros de altura - muito educado e incapaz de expressar um palavra que machuque um amigo, a Lipe que parecia mais com Gasparzinho a primeira vez que o vi de tão branco, apesar de ser um "burguês" é um cara humilde de muito valor e ótima companhia, a Jailton o "artilheiro" do racha, isto se ele tiver em meu time, a Fafinha que só faz correr sem nenhuma habilidade, a Adriano que é ótimo goleiro e insiste em jogar na linha, enfim a todos aqueles que estão presentes nos momentos de lazer.

As pessoas da universidade não poderiam faltar, a Raimundo, Lidiane, Suzana, Ambrosina, Vanessa, Denise, Inácio, ótimos colegas que tive durante o curso, a Alex que é a pessoa que conheço que mais se orgulha em cursar História, a Hallisson Bento pessoa de ótimo caráter, Liliane que sempre estava disposta a me ajudar nos trabalhos em grupo, a Cristina que apesar de ter conhecido no final do curso mostrou ser uma pessoa de muito valor, minha futura colega de trabalho, a Hilmaria que é unanimidade no quesito carisma, não sei como seria em meu primeiro semestre se não fosse por sua ajuda, a Denise Cristina que apesar de ter pago poucas cadeiras com ela, pois cursava ciências sociais, é uma mulher que tenho grande admiração pelo seu caráter e maneira de enfrentar a vida.

Agradeço aos funcionários e professores, em especial a Ana e a Rosa que sempre estão dispostas a solucionar os problemas na coordenação, a Iranilson, Marinalva, Regina, Junior, Renato Kilpp, Benjamim, Faustino, Alarcon, a Clarindo meu primeiro professor em antiga oriental, a Luciano Mendonça, foi em sua disciplina que nasceu a idéia de trabalhar com a temática em questão, e em especial a Celso Gestermeier que apesar de ser um dos professores que menos tive contato, se mostrou muito interessado e receptivo para ser meu orientador.

E por fim agradeço a deus que é o responsável por todas as conquistas que tive em minha vida, e ainda as que estão por vir.

"Vale milhões de vezes mais a vida de um único ser humano do que todas as propriedades do homem mais rico da terra" (Ernesto Che Guevara)

"A luta através da resistência é o único instrumento de mudança e revolta que os pobres têm a sua disposição" (Brito Joerderson John silva)

RESUMO

A economia moral é um conceito, usado por Thompson sobre a população inglesa do século XVIII, que visa a proteção dos mais pobres em períodos de escassez, James Scott moldou este termo dentro de concepções camponesas de direito a terra e justiça social. Da luta pela segurança alimentar às formas de resistência destes homens humildes, é exatamente este o objetivo central do meu trabalho. Através da análise da liga camponesa de Sapé, na Paraíba, no ano de 1958, perceberemos como se deu a resistência inicial, e a 2ª fase desta resistência com a criação de associações, para isso investigaremos documentos que foram testemunhas dos acontecimentos, a exemplo de jornais da década de 60 que fazem menção às ligas, ao filme *Cabra Marcado para Morrer* do diretor Eduardo Coutinho e de um DVD de entrevista *Memória Camponesa as Ligas camponesas na Paraíba*. Além disso, mostraremos como este trabalho pode ser usado na sala de aula, despertando o senso crítico do aluno para fatos de injustiças no campo, especificamente a reforma agrária que necessita de uma pressão maior da sociedade para a aceleração na sua implementação, assim, tentaremos incitar os leitores para a resistência que cada um pode fazer na sociedade, visando o bem-comum.

Palavras-chave: Economia. Resistência. Liga camponesa.

ABSTRACT

The moral economy is a concept, used by Thompson on the English population of the century XVIII, that seeks the protection of the more poor in periods of shortage, James Scott molded this term inside of conceptions right peasants the earth and social justice. Of the fight for the alimentary safety to the forms of these humble men's resistance, it is exactly this the central objective of my work. Through the league peasant's of Sapé analysis, in Paraíba, in the year of 1958, we noticed as he gave him the initial resistance, and to 2nd phase of this resistance with the creation of associations, for that we will investigate documents that were witness of the events, to example of newspapers of the decade of 60 that they make mention to the leagues, to the Marked film Goat to Die of managing Eduardo Coutinho and of a DVD of interview Memory peasants: the Leagues peasants in Paraíba. Besides, we will show as this work it can be used in the class room, waking up the student's critical sense for facts of injustices in the field, specifically the agrarian reform that he/she needs a larger pressure of the society for the acceleration, like this, we will try to incite the readers for the resistance that each one can do in the society, seeking the well-common.

Key-words: Economy. Resistance. It ties peasant.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Recorte de jornal: uma advertência.....	33
Figura 2 – Recorte de jornal: filme estadunidense.....	33
Figura3 – Recorte de jornal: aumento do custo de vida.....	36
Figura 4 – Recorte de jornal: quebra-quilos.....	36
Figura 5 – Recorte de filme: João Pedro herói.....	38
Figura 6 – Recorte de filme: João Pedro viverá.....	39
Figura 7 – Recorte de filme: nome de rua.....	39
Figura 8 – Recorte de filme: morte em emboscada.....	43
Figura 9 – Recorte de filme: enterro de João Pedro.....	43
Figura 10 – Recorte de filme: comício.....	43
Figura 11 – Vídeo de entrevistas: marcha dos camponeses.....	44
Figura 12 – Vídeo de entrevistas: marcha dos camponeses II.....	44
Figura 13 – Recorte de jornal: Santa Cruz.....	46
Figura 14 – Recorte de Jornal: solução democrática.....	47
Figura 15 – Recorte de jornal: choque entre estudantes e praças.....	49
Figura 16 – Recorte de jornal: Massaranduba.....	50
Figura 17 – Recorte de jornal: greve.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 A ECONOMIA MORAL NA HISTÓRIA.....	17
3 ESTUDO DE CASO: A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ.....	30
3.1 RESISTÊNCIA INICIAL – PRIMEIRA FASE.....	34
3.2 RESISTÊNCIA ABERTA – SEGUNDA FASE.....	42
4 UTILIZAÇÃO DO TEMA NA SALA DE AULA.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

A questão da terra no Brasil data da época da colonização, com a criação das capitanias hereditárias e do sistema de sesmarias, que eram enormes porções de terras distribuídas pela coroa portuguesa, desta forma nascia o latifúndio que era basicamente uma propriedade rural de monocultura e com terras improdutivas exploradas por um único dono. Com a introdução da Lei das Terras em 1850, os posseiros e os pequenos proprietários teriam que ter registrada a terra para garantir a posse, com isso a lei reforçou o poder do latifúndio tornando ilegais as posses dos trabalhadores.

A reforma agrária, segundo o estatuto da terra, é o conjunto de medidas que visam promover melhor a distribuição da terra, mediante modificações no regime de sua posse e uso. A fim de atender aos princípios de justiça social e de aumento da produtividade, que precisa ser colocado efetivamente em prática, as ligas camponesas, e agora o MST (Movimento dos Sem Terra) lutam por essas melhorias.

Vários olhares podem ser lançados sobre a temática deste trabalho, já que abrangem conceitos chaves, a exemplo da reforma agrária, a economia moral, a fome, a modernização dos meios de produção, as ligas camponesas, a seca, que compõem, mas não são o corpo principal desta monografia.

O enfoque principal de nosso trabalho são os tipos de resistências, observados na formação da liga camponesa de sapé, o embate entre a economia moral e a economia de mercado e como o indivíduo se comportava diante de tamanhas dificuldades, como era a resistência, as expectativas e frustrações dos mais pobres para tentar frear a "modernização" e garantir seu acesso ao pão de qualidade, à terra, ao emprego, à subsistência, à uma forma digna de vida.

O conceito da economia moral, usado no trabalho de Thompson sobre a classe trabalhadora da Inglaterra do século XVIII, será definido e discutido não só em seu período, mas também na contemporaneidade, para isso consultaremos trabalhos que se aproximem com os de Thompson, entre eles o

de James C. Scott que foi o precursor em usar o conceito de economia moral aplicando-o a concepções camponesas de justiça social, reciprocidade, de acesso à terra. Em seu artigo "Formas cotidianas da resistência camponesa no século XX", ele afirma que a economia moral não serve apenas para se pensar as sociedades anteriores ao capitalismo, mas também para estudar os movimentos sociais dos séculos posteriores a Thompson, ainda nesta linha vale ressaltar o trabalho de Frederico Castro Neves quando ele analisa o deslocamento de retirantes da seca, uma forma de resistência, em busca de comida na capital Fortaleza.

Já que iremos analisar o caso específico da liga de Sapé, faz-se necessário uma contextualização sobre o surgimento das ligas camponesas no Brasil, para isso o trabalho de Francisco Julião escrito em 1962 conta os detalhes do nascimento da liga mãe, em Pernambuco no município de Vitória de Santo Antão, no engenho da Galileia no ano de 1955. E sobre a liga de Sapé, em 1958, a dissertação de Maria do Socorro Rangel a respeito da memória coletiva no que tange às resistências, frustrações e expectativas destes trabalhadores será de grande ajuda neste trabalho.

No segundo capítulo focaremos no principal objetivo do trabalho que é identificar as resistências dos camponeses analisando o surgimento da liga de Sapé, para tanto faremos uso de variadas fontes documentais, o filme *Cabra marcado para morrer* do diretor Eduardo Coutinho (1984), um DVD de entrevistas com indivíduos que participaram diretamente da liga de Sapé, intitulado: *Memória camponesa: as Ligas Camponesas na Paraíba* (2006), como também de jornais que façam menção às ligas das décadas de 60 consultado na biblioteca Átila Almeida Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), desta forma um grande leque de informações dará suporte a este evento, que esperamos que possam trazer boas informações para o leitor.

Deste modo, concluiremos com as vantagens desta luta tão cruel que ceifou várias vidas, o que as ligas conseguiram de fato após a sua criação, discutir mudanças na estrutura agrária deste país já que este assunto é de suma importância para o Brasil e ainda habita o imaginário do camponês pela

importância que tiveram as ligas. Este trabalho ainda pode ser facilmente introduzido nas escolas para construir ou desconstruir didaticamente várias temáticas, entre eles e o mais explícito diz respeito à reforma agrária, acender a chama do discurso e o debate da juventude brasileira, as mudanças passam pela atitude de cada um, desta forma todos nós temos o dever de contribuir para que injustiças, fome, miséria, não façam mais parte de nosso cotidiano.

2 A ECONOMIA MORAL NA HISTÓRIA

Ao estudar o comportamento das classes trabalhadoras no século XVIII, na Inglaterra, Thompson chama atenção para o momento em que o processo do capitalismo e a conduta não econômica baseada nos costumes estão em conflito, conflito este que gera uma resistência aos novos padrões de consumo, às inovações técnicas, à racionalização do trabalho, desintegrando os costumes e a organização familiar:

Podemos entender boa parte da História Social do século XVIII como uma série de confrontos entre uma economia de mercado inovadora e a economia moral da plebe, baseado no costume. (THOMPSON, 1998, p. 21)

Para explicar os motivos da turba e motins da multidão inglesa no século XVIII, é necessário frisar os pontos que levaram a esta revolta, com a mudança qualitativa nas relações de trabalho. Com a racionalização econômica, com as mudanças nos costumes, em que a população historicamente fazia usos de espaços do direito comum cortando lenha, caçando, pescando, etc.

É bastante visível por toda parte que a população rural se ache com uma espécie de direito à floresta, e à madeira nas florestas, mas se essa noção lhes foi transmitida pela tradição, desde os tempos em que a coroa definiu os limites das florestas(...) (THOMPSON, 1998, p. 91)

Os motins de fome na Inglaterra aconteciam exatamente para se opor a esta nova economia de mercado, "os tumultos eram nada mais que rebeliões do estômago", isto era o que muitos estudiosos poderiam dizer, mas Thompson afirma que: *o motim da fome na Inglaterra do século XVIII era uma forma altamente complexa de ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros.* (THOMPSON, 1998, p.152)

A economia moral primava pela segurança da alimentação dos mais pobres. Os mercados deviam ser controlados, e não se podia vender antes da hora determinada, ao sinal do sino só os pobres poderiam comprar em pequenas porções para atender suas necessidades, quando tocava um segundo sino os comerciantes ricos poderiam fazer suas compras. Um exemplo do mercado de Preston em 1795:

Os mercados semanais (...) são extremamente bem regulados para impedir compras antecipadas e compra para futura revenda. Ninguém a não ser os habitantes da cidade tem permissão de comprar durante a primeira hora, que vai das oito às nove da manhã; às nove outros podem comprar; mas nada do que ainda não foi vendido pode ser retirado do mercado (...) (THOMPSON, 1998, p. 156)

Os fazendeiros passaram a evitar o mercado e começaram a negociar com os intermediários. Desta forma, os habitantes mais pobres não podiam ter grãos a preços razoáveis e apelavam para a economia moral, reativando antigas leis contra as compras antecipadas. "Todos os fazendeiros, sob pena de severas punições, deviam levar seus cereais ao mercado aberto e não vendê-los por amostragem em suas próprias moradias" (THOMPSON, 1998, p.158). Quando essas exigências não eram atendidas, os mercados se tornavam palcos de sedições e revoltas da população.

O novo modelo da oferta e da procura, estudado por Adam Smith, defendia que a demanda do mercado livre estabeleceria o preço do produto. Era preciso que os cereais fluíssem livremente a tal ponto que, se isso não acontecesse, a economia poderia entrar em colapso. Os cereais tinham uma ligação muito forte na vida dos trabalhadores, especialmente o pão branco, quando havia uma colheita abundante e o preço não caía, causava motins e sedições na população, e esta atitude contradiz a teoria de Smith no sentido de que *os preços altos eram uma forma eficaz de racionamento* (THOMPSON, 1998, p.162), como se o pão não fizesse parte de artigos de primeira necessidade, que as famílias cortam quando os gastos estão altos. O pão é simplesmente um produto essencial na alimentação destes trabalhadores.

A reação dos trabalhadores a estas injustiças, rotulados de motins e insurreições, eram muito bem organizados, "a ação central nesse padrão não é o saque dos celeiros, nem o furto de grãos de farinha, mas 'fixar o preço'" (THOMPSON, 1998, p.176). É certo que havia saques, mas, estes eram poucos, a regra era que se apoderando dos produtos como pão, farinha, queijo, manteiga, entre outros, eles pagavam o preço "justo" pelo produto.

Certamente a resistência destes trabalhadores não estava baseada apenas em turbas para fixar preços, mas, também, em cartas anônimas a comerciantes,

produtores e até prefeitos. O teor tanto era ameaçador: "se não cuidarem disso (preços altos) alguns de vocês vão se dar mal..." (THOMPSON, 1998, p. 178); quanto incitador para as camadas mais pobres: "John jura que lutará enquanto tiver forças, é melhor ser enforcado que morrer de fome..." (THOMPSON, 1998, p. 182). Discurso bem instigante para aqueles que se sentem mais amedrontados com o poder dos mais ricos.¹

Outro ponto interessante a se frisar é a participação das mulheres nestes motins, pois as mulheres estavam mais próximas às oscilações dos preços dos produtos, eram elas quem primeiramente sentiam o impacto desses abusos.

As mulheres são mais inclinadas à rebelião; elas têm menos medo da lei, em parte por ignorância, em parte porque tiram partido do privilégio de seu sexo, e por isso em todos os tumultos públicos elas são as primeiras em violência e ferocidade. (THOMPSON, 1998, p.184)

As mulheres estavam sempre ao lado ou à frente destes movimentos apoiando seus maridos, a exemplo de Elizabeth Teixeira esposa de João Pedro Teixeira, certamente é um excelente tema para estudos mais detalhados sobre a importância da mulher nestes movimentos sociais, não só no século XVIII, bem como na contemporaneidade que não cabe nesta monografia.

Essas manifestações, independentemente de suas lideranças, provam que estes protestos sociais primavam pelo respeito à economia moral do bem-estar público em tempos de escassez, pois não parecia natural que um homem lucrasse com as necessidades dos outros, com a escassez de alimentos ou com a extorsão de cereais. É certo que a nossa sociedade capitalista colocou o dinheiro acima das relações humanas.

Vale ressaltar que preços altos, fome, escassez, não resultam diretamente em "motins". De acordo com Thompson: *o "motim" não é uma resposta "natural" ou "óbvia" à fome, mas, um padrão sofisticado de comportamento coletivo e estratégias individualistas e familiares de sobrevivência* (THOMPSON, 1998, p. 208).

¹ Discurso bem parecido com o de João Pedro Teixeira, líder da liga camponesa de Sapé, afirmando que: "morrer na bala é melhor do que de fome". Tema que será mais aprofundado no capítulo posterior desta monografia.

Desta forma o historiador não pode garantir que em certa sociedade que está passando fome, apareça um motim, cada caso deve ser analisado individualmente para explicar as causas ou não de suas revoltas. Um exemplo de uma sociedade que não se rebelou:

Na região pastoril do nordeste da Inglaterra, ainda nas décadas de 1590 e 1620, a população parece ter sofrido com a mortalidade por desnutrição. Mas os pobres morriam de fome silenciosamente e não criavam problemas de ordem pública para os seus governantes. (THOMPSON, 1998, p. 207)

Outro exemplo ocorreu na Ásia, no ano de 1770, quando os pobres *vendiam seu gado, vendiam as sementes, vendiam os filhos e as filhas, comiam as folhas das árvores e o capim dos campos (...) mas eles não rebelavam (...)* (THOMPSON, 1998: 207). Certamente cabe uma análise historiográfica para elucidar esta causa de uma sociedade passando por momentos de penúria, se rebelar ou não².

O Estado também faz uso de discursos econômicos afirmando que intervir nos preços dos produtos de primeira necessidade poderia afetar a economia. Adam Smith é o principal nome que estes governantes recorrem para respaldar suas ações – É bom frisar que Smith estuda as alterações da economia de mercado não determina ações que ponham a segurança alimentar dos mais pobres em risco - Defendendo o *laissez-faire*, a competição perfeita, o mercado auto-regulador, o curso natural do mercado, uma espécie de justiça natural. Seria natural pessoas morrerem de fome? Certamente a ganância de acumular riquezas de poucos indivíduos está ceifando vidas no decorrer da História da humanidade.

O termo “economia moral” que se baseia no paternalismo e suas ações de proteção, usada por Thompson, sofreu modificações podendo ser usado quando há mudanças bruscas nas relações econômicas e sociais, então, seu principal sentido é resistir, denunciar, lutar contra os excessos do capitalismo. Thompson relembra sobre a origem do termo, usado por Bronterre O’ Brien, o cartista, em 1837:

² Pretendemos em um momento oportuno analisar o peso que a religião tem nos indivíduos, bem como em toda sociedade, especialmente nos mais pobres, que com um discurso pacificador prega resignação, uma promessa de vida melhor depois da morte. Como o Estado, juntamente com a Igreja, faz uso deste poder de discurso para implementar suas ações.

Assim como existe a economia política, há igualmente uma economia moral (...) arruinam os afetos em troca de produção e acumulação incessantes (...) eles sempre mantêm fora do campo de visão falamos de tendências das grandes quantidades de capital, da divisão do trabalho, de aumentar a produção e baratear as mercadorias, mas, ao ser humano inferior sua única ocupação é produzir. (THOMPSON, 1998, p. 256)

Outro autor, William Reddy, faz outras generalizações do uso da economia moral:

"(...) é um conjunto de valores e padrões morais que foi violado pela mudança técnica e comercial (...) alguma coisa semelhante à economia moral deve aparecer em algum lugar que se expande pela ação do capitalismo industrial (...) ela continuamente se regenera como crítica anticapitalista como movimento de resistência". (THOMPSON, 1998, p.259)

James Scott é outro autor que embasou nossa monografia, ele molda o termo economia moral dentro de concepções camponesas, justiça social, direitos e obrigações, reciprocidade, que estão ligados diretamente com os costumes de acesso à terra, e o direito de acesso aos seus produtos. Seu artigo, "*Formas cotidianas da resistência camponesa*", mostra os pormenores deste tipo de resistência que muito se assemelha com os homens da Inglaterra no século XVIII.

No início de seu trabalho, Scott chama atenção para o fato de que a maioria das rebeliões camponesas são esmagadas pelo Estado ou pelos proprietários de terra, mas que mesmo assim eles obtêm algumas poucas concessões como uma pequena pausa na introdução de novas relações de produção ou uma memória de coragem e resistência que possa servir para o futuro.

Já que o poder coercitivo é tão forte e cruel com essas rebeliões, as formas de resistências teriam que ser mais sutis pelo medo da morte, então a alternativa era: "fazer corpo mole, a dissimulação, a submissão falsa, os saques, os incêndios premeditados, a ignorância fingida, a fofoca, a sabotagem e outras armas desta natureza." (SCOTT, 2002, p.12). Era uma espécie de resistência cotidiana a mais usada por estes camponeses, isto não implica dizer que quando possível eles não fariam uso de confrontação direta.

É interessante frisar que os discursos impostos pelos "de cima" para manchar a imagem dos camponeses, excluindo totalmente as formas cotidianas de resistência dos registros históricos, contribui para uma estereotipação deste

homem do campo, taxado de violento, que tinha fúteis explosões de ira, contrasta com seu retrato de submissão, medo e precaução, isso ocorre porque a intelectualidade da história e literatura se baseava em registros escritos, e estas fontes não são suficientes para demonstrar as formas silenciosas e anônimas de lutas do campesinato. Segundo o discurso literário de ZOLA (1980) esta era a imagem real de um camponês:

Ele tinha séculos de medo e de submissão atrás dele(...). Pode-se batê-lo, e deixá-lo faminto e roubar-lhe tudo, ano após ano, antes que ele pudesse abandonar sua precaução e estupidez(...). E isso continuou até que a culminação da injustiça e do sofrimento lançou-o à garganta de seu patrão como um animal doméstico enfurecido que tinha sido submetido a espancamentos demasiados. (SCOTT, 2002, p.14)

Tipos de resistência cotidiana podem ser analisados no trabalho de Scott, que morou durante dois anos em uma vila da malásia entre 1978 e 1980, só desta forma foi possível perceber esta resistência silenciosa, tarefa nada fácil para um historiador. É uma tentativa de boicote à mecanização do trabalho inserindo colhedoras automáticas, ou um padrão de furtos anônimos de grãos de arroz. Nota-se que ambos os procedimentos são formas sutis de resistência que não desafiam diretamente os "de cima", nem requer algum tipo de organização formal, é realizada individualmente na calada da noite, não havendo autores que assumam a responsabilidade pública por sua realização.

A brusca alteração na relação de produção pode ser facilmente percebida. Em 1975, cem por cento dos arrozais eram cortados e debulhados manualmente. Já em 1979, oitenta por cento da colheita de arroz eram feitas mecanicamente, a distribuição de renda se concentra ainda mais nas mãos dos mais ricos, e os mais pobres se vêem ameaçados. Pela falta de moradia, de emprego e de alimentos que põe em risco a manutenção de sua sobrevivência.

Para uma definição mais conceitual do que venha a ser "resistência cotidiana", que também pode ser usado na cidade com as devidas restrições, Scott fala sobre o tema:

Micro-resistência entre camponeses é qualquer ato de membros da classe que tem como intenção mitigar ou negar obrigações (renda, impostos, deferência) cobradas a essa classe por classes superiores (proprietários de terra, o Estado, proprietários de máquinas, agiotas ou empresas de empréstimo de dinheiro) ou avançar suas próprias

reivindicações (terra, assistência, respeito) em relação às classes superiores. (SCOTT, 2002, p. 24)

Desta forma, a brusca mudança na relação de produção, seja com máquinas, com aumento de impostos, disponibilidade de acesso a terra, são fatores que corroboram para o surgimento de resistências tanto individuais quanto coletivas.

Quando a subsistência básica do camponês entra em risco ele rejeita qualquer tipo de inovação, é o que Scott chama de "perímetro defensivo" que é a utilização de métodos produtivos tradicionais e seguros para manter ao menos o sagrado direito à alimentação, é esta circunstância que definitivamente causa o confronto, pois os indivíduos suportam perder alguns direitos como parte dos ganhos, do luxo, do lazer - se é que se pode chamar assim - mas quando o lucro de poucos é imposto sobre a necessidade de muitos a resistência se expressa, pois a sobrevivência deste camponês precisa ser assegurada.

Esta resistência cotidiana nos movimentos camponeses pode passar uma imagem equivocada sobre sua importância, já que não são estudadas devidamente, elas são na verdade muito variadas e precisam de pouco planejamento para sua execução, invasões furtivas de terras, roubo de produtos, trabalho lento, peças imperfeitas são exemplos de uma resistência cotidiana.

A religião manifestada pela caridade, paulatinamente iria se transformando pela arrogância, e as doações diminuíam, o que do outro lado facilitaria o mau comportamento dos pobres, esta teia da reciprocidade que mantinha ricos e pobres em seus devidos espaços, esfacelava-se, um lutando por riqueza e poder e o outro lutava pelo simples direito à vida, à comida.

As transformações no processo de produção verificado em Sedaka por Scott, a exemplo da dupla colheita, mecanização da lavoura, expulsão de inquilinos, causa uma brusca alteração na vida dos mais pobres, a caridade, que é um elemento crucial de equilíbrio na relação rico e pobre, se modificava.

Outro trabalho de suma importância que ressaltado é o do Frederico de Castro Neves, em que ele analisa os saques e ações de massas no Ceará no final do século XIX, pois assim como Scott, ele afirma que o "Perímetro Defensivo", o

mesmo que "Segurança Alimentar"³ é o principal fator que leva indivíduos, multidões a algum tipo de reivindicação ou resistência, no caso do Ceará, a seca obrigou os retirantes a migrar em busca de comida.

O motim, mesmo não sendo uma resposta óbvia para a fome, é uma explicação básica e justificada para a ação da multidão, eles buscam a mais elementar das condições da vida humana que é o alimento, e desta forma é aceita pela maioria da população em momentos de saque, levando em conta que existia a real distinção entre roubo e necessidade:

"... Solidariedade Geral em relação aos famintos, o capitão passou ordem pra polícia, não era pra triscar em nenhum, nem na ponta do dedo, que ali não era ladrão não, era fome, era necessidade: Não era roubo, era fome" (NEVES, 2000, p.235).

Devido às alterações na estrutura política social, como por exemplo, a Lei de Terras de 1850 que possibilitou a incorporação de terras de grandes proprietários que antes pertenciam a posseiros e pequenos proprietários, como também o aumento na produção do algodão, facilitada pela guerra civil dos EUA, inaugurou uma nova fase de produção voltada para o mercado externo e desta forma as melhores porções de terras foram reservadas ao algodão e à pecuária.

Quando as relações pessoais de reciprocidade não eram suficientes para garantir a sobrevivência do homem do campo, já que a proteção do proprietário não era mais exercida disponibilizando novas terras ou currais em tempo de seca, o camponês perde sua terra, e se vê obrigado a migrar para as cidades, e neste novo ambiente a população, os comerciantes, a igreja e principalmente o poder público estavam imbuídos de arrecadar e distribuir alimentos para os retirantes.

Esta ruptura na relação paternalista, causada pela seca - este pelo menos é o discurso que a camada política quer impor para mitigar fundos - afeta diretamente a classe urbana, e conseqüentemente o poder público que tem a obrigação de reunir estes retirantes em um primeiro momento e distribuir alimentos, e em um segundo momento delimitar tarefas para assegurar este direito à comida, a fuga para capital obriga o estado a dar proteção a estes retirantes em busca de sua sobrevivência.

³ É quando as necessidades mínimas de sobrevivência de uma família camponesa são ameaçadas.

Um novo cenário de calamidade na vida urbana serviu de justificativa para que as elites locais fizessem uso desta situação para pedir auxílios, a famosa "Política da Seca", que deveria prover assistência social para fixar o homem no campo, em condições favoráveis de plantio, criação de animais, água potável, mas que na verdade além da corrupção, a prioridade é evitar que estes famintos invadam a capital.

A vida, que deveria estar acima de qualquer outro bem, perde espaço para a propriedade, para o poder do dinheiro, revela a face da "Bruteza Humana" comprando a honra de mulheres, iniciando-as em uma vida de prostituição, inicia-se o caos, os assassinatos e todo tipo de violência que se pode imaginar. A fome seria o germe de todo o caos que assola a nossa contemporaneidade? "A pobreza não só é a origem dos vícios do corpo e da alma, dos crimes e da desonra, como também da revolta e da revolução "(NEVES, 2008, p.41).

A economia moral que prima pela segurança alimentar dos mais pobres em tempo de crise acumulou outras funções na sociedade contemporânea, expectativas, desejos em relação ao mercado, seus preceitos foram usados por camponeses que em período de seca migraram para a capital em busca de alimentos, caso exposto e analisado por Neves (2008) em seu artigo "Economia moral versus moral econômica".

É exatamente este o propósito de nosso trabalho mostrar como pessoas pobres conseguem pleitear algumas mudanças nas regras do jogo, fazendo uso da economia moral, como se dá esta resistência inicial e como ela se transforma em resistência aberta, no caso deste trabalho o surgimento das ligas camponesas em detrimento a tão impiedosa economia de mercado.

A "economia moral", portanto, como expressão de uma resistência geral e plebéia aos avanços dos princípios da "economia de mercado", permanece como categoria de análise cuja validade ultrapassa os limites da obra de Edward P. THOMPSON e é permanentemente atualizada pelas transformações históricas. Significa dizer que espaço para uma interpretação "moral" a respeito das formas de produção da riqueza social e de seu mecanismo de distribuição – o mercado – está sempre aberto para aquelas que não se conformam aos modelos estabelecidos de (In)justiça social (NEVES, 1998, P. 57).

É interessante frisar que apesar das dificuldades impostas pelo poder econômico, religioso, social, a capacidade que homens pobres camponeses,

submissos, têm de agir autônoma e coletivamente, na busca de seus interesses, mais imediatos a exemplo do alimento, mostra que a luta/resistência, seja ela qual for ainda é o único caminho para que pessoas mais pobres tenham uma vida mais humanizada.

A história das ligas camponesas aqui no Brasil, não pode deixar de fazer menção ao trabalho de Francisco Julião acerca do surgimento das ligas camponesas de Pernambuco. Escrito em 1962, marco para os movimentos do campesinato, Julião não fundou a liga de Pernambuco, mas a sua entrada como advogado deu excelente ânimo aos integrantes, pleiteando alcançar um debate franco para encontrar a solução justa para o problema do homem do campo⁴.

As ligas camponesas surgiram na Alemanha no século XV e XVI, em um ambiente de opressores e oprimidos, em que príncipes, barões e a igreja exploravam os servos, mas quando a fome começou a dizimar a população, os camponeses se rebelaram, fazendo uso das mais distintas formas de luta, caso bem peculiar com a do nordeste brasileiro, onde a vida de um ser humano não vale muita coisa, pois a nossa humanidade carece dos preceitos humanísticos de caridade, solidariedade, companheirismo, a nossa humanidade está completamente transfigurada.

Esta em que vivemos, é uma fonte envenenada pelo egoísmo e pela ambição dos poderosos, pelo conluio satânico da pequena minoria dos ricos contra a grande maioria dos pobres, pela concentração do ouro em mãos que se comportam como garras ferindo a face cavada dos humildes, pela má distribuição da riqueza, que é a soma do trabalho de todos" (JULIAO, 2009, p.272).

Nesta sociedade tão injusta, a luta através da resistência é o único instrumento de mudança e revolução que os pobres têm à sua disposição e o caso da liga camponesa no engenho da Galileia em 1955, município de Vitória de Santo Antão, é um exemplo que foi seguido por vários outros em todo o Brasil.

Chamada de liga mãe a (SAPP) Sociedade Agrícola e Pecuária Dos Plantadores de Pernambuco visava reivindicar alguns direitos para as 140 famílias do engenho, a exemplo de fundar uma escola primária, fornecer caixões para

⁴ João Vergílio (um dos fundadores da liga de Pernambuco): - Depois que o homem entrou aí animou, era advogado macho, e todos os camponeses que eram expulsos procuravam Galileia, pois ali tinha uma associação que tinha advogado. Cabra Marcado para Morrer. (1984), cap.3

crianças vítimas da grande mortalidade infantil, aquisição de sementes, inseticidas, assistência técnica, obter auxílio do governo, entre outros benefícios que estes humildes trabalhadores teriam direito.

Mas a repressão veio em pouco tempo, ameaças de despejo foi suficiente para que alguns camponeses desistissem da luta, porém, outros permaneceram fortes, conscientes de que tudo que reivindicavam era nada mais que direitos garantidos pela constituição, e esta resistência haveria de se tornar conhecida em todo país e seguida por uma crescente massa de camponeses.

Depois de algumas batalhas a desapropriação de Galileia foi motivo de grande felicidade para agricultores, porém, a repressão foi ficando cada vez mais violenta, tanto na imprensa, que comumente associava as ligas ao comunismo, quanto no poder coercitivo atuando com mais vigor em outras regiões que tentavam instaurar uma liga camponesa:

Tais crimes chegam a ser hediondos. Derrubam os casebres e arrancam de trator, as fruteiras dos camponeses, rebelados contra o aumento extorsivo do "foro", o "cambão", o "vale do barracão", o "capanga", o salário de fome. Arrastam-nos de jipe, deixando-os em carne viva. Amarram-nos sobre o caminhão como se faz com o gado e passeiam com eles até pela cidade. Com um ferro em brasa, marcam-lhes o peito e as nádegas (JULIÃO, 2009, p.281).

Outras atrocidades eram cometidas contra esses camponeses que se associavam às ligas, como também em outros estados que queriam fundar uma liga, mesmo com toda repressão, o caso da liga de Pernambuco foi o grande motivador para outros que viriam a nascer.

O próprio João Pedro Teixeira, fundador da liga de Sapé, foi fortemente influenciado pelo clima de resistência que existia aos arredores de Recife, viveu por lá entre 1945-1954, um ano depois surgiu a 1ª liga camponesa de Pernambuco, e também fazia uso de boletins escritos por Julião como "Guia do Camponês", o "ABC do Camponês", a "Cartilha do camponês", a "Carta de Alforria do Camponês". Pernambuco, sendo o 1º foco de resistência camponesa, influenciou sobremaneira a criação da liga de Sapé, na Paraíba bem como sua disseminação por todo o Brasil.

É por esses motivos que é louvável a iniciativa de homens pobres que se organizam, e tentam uma mudança na ordem social, buscam melhores condições

mesmo que os seus instrumentos não sejam os mais seguros, clamam por dias melhores nesta luta tão cruel contra o poder econômico.

As ligas se tornaram um movimento impar na história do Brasil, especificamente a liga de Sapé, que viria a se tornar a maior do Nordeste com mais de 7 mil membros, tema que primeiramente tive contato na dissertação de mestrado de Maria do Socorro Rangel, fiquei extremamente consternado de ver relatos de moradores que estiveram diretamente envolvidos neste processo de expulsão da terra, e a esperança de retorno após o surgimento das ligas.

Eu podia ter vivido ali daquele jeito até hoje e o que eu queria mesmo era ter morrido ali, que tomei gosto pelo lugar. Era bonito o sítio! Era meu canto, minha morada! Neste tempo que eu to lhe falando era um tempo de baixa da cana e tinha muito foreiro por ali. As lavouras grande, as lavoura de rico, estava meio esgotada e nós prantava mais era milho, mandioca, feijão, batata, essas coisinha. Num tinha luxo não senhora, mas também num passava fome, mas aí a cana começou a tomar conta do mundo.

Foi de quando chamaro nós pra dizer que o foro tava muito baixo, que o dono da terra num tava dando conta de sustentar a família dele com aqueles foro, e que ia aumentar. Aí aumentaram o foro. Foi o primeiro sinal. Daí pra aumentar os dia de cambão foi um pulo, que o home queria prantar cana de novo pra vender pras usinas (RANGEL, 2000, p. 216).

As experiências destes homens e mulheres que participaram diretamente da criação da liga camponesa de Sapé é de grande valia para a contemporaneidade, a memória coletiva transmitindo o sofrimento daqueles que resistiram contra o latifundiário é muito importante para se entender os processos de confrontos entre o camponês e o proprietário da terra.

O aumento da exploração pelo patrão, expulsão das terras, aumento da monocultura, a criação das associações pelos camponeses, os embates, a repressão, as expectativas, todos estes fatos podem ser esclarecidos com a memória desses camponeses, e provocar novas discussões, novas leituras sobre o homem do campo.

Este trabalho de Maria do Socorro Rangel no ano de 2000 é a comprovação que a criação de uma liga em 1958 em Sapé, mesmo com o assassinato de seus principais líderes, João Pedro Teixeira, Pedro fazendeiro e nego Fubá, e sendo totalmente exterminada no golpe militar de 1964, ainda habita no imaginário do homem do campo, a importância da liga, sua proposta revolucionária, não está

morta, necessita de outras leituras para comprovar que ainda é um tema bem atual.

Certamente o problema da terra não vai deixar de ser tema de debate enquanto não houver na prática uma reforma agrária o surgimento das ligas camponesas colocou no imaginário do camponês, mesmo que por um curto período, uma esperança de ter terra própria para plantar, de ter uma vida digna, de pelo menos prover a segurança alimentar de sua família.

Em nosso próximo capítulo - Influenciado pelos autores que permearam todo este primeiro capítulo - farei uma nova leitura sobre o surgimento da liga camponesa de Sapé, na ótica da economia moral, enfatizando a resistência inicial, e a resistência aberta, as frustrações provocadas pela violenta repressão e as expectativas destes trabalhadores na luta pela sobrevivência.



3 ESTUDO DE CASO: A LIGA CAMPONESA DE SAPÉ

Dedicamos este espaço para analisar o caso específico do surgimento da liga camponesa de Sapé no ano de 1958 na Paraíba, enfatizando como foi possível a resistência destes trabalhadores, e quais foram as formas de resistência em um ambiente tão violento e adverso, para isso farei uso do filme: "Cabra Marcado para Morrer" do diretor Eduardo Coutinho, de entrevistas de indivíduos que participaram diretamente da liga de Sapé em um DVD intitulado: "Memória Camponesa as Ligas Camponesas da Paraíba", como também de análises de jornais da Paraíba na década de 60 que fazem menção às ligas, como o Correio da Paraíba, a União e a Gazeta Campinense.

O filme conta a história de camponeses do município de Sapé, da criação da liga camponesa, de João Pedro, líder da liga, bem como de sua esposa Elizabeth Teixeira e toda sua família, ainda também de outros personagens que de certa maneira contribuíram para a eclosão deste movimento social.

Membros da UNE - União Nacional dos Estudantes no ano de 1962 estavam viajando pelo nordeste para denunciar os progressos do imperialismo contrastado pela miséria da maioria da população, também reivindicavam uma reforma universitária, no dia 14 de abril chegam à Paraíba e um personagem chama a atenção de Eduardo Coutinho: João Pedro Teixeira, líder camponês que foi assassinado 2 semanas antes de sua chegada.

Um dia após a chegada de Eduardo Coutinho na Paraíba aconteceu em Sapé, cerca de 50 km de João Pessoa, um protesto contra o assassinato de João Pedro com mais de cinco mil camponeses, foi neste dia que surgiu a idéia de um filme sobre a vida de João Pedro Teixeira, que seria feito nos próprios locais e com os participantes reais da história. Dois anos depois tudo estava pronto para o início das gravações, porém em 15 de janeiro de 1964 houve um confronto perto de Sapé envolvendo camponeses e policiais, 11 pessoas morreram e a polícia invadiu a região de Sapé sendo impossível a gravação do filme.

Desta forma Coutinho viaja para Pernambuco ao engenho de Galileia, situado cerca de 50 km de Recife, onde nasceu à primeira liga do nordeste em

1955, era o ambiente ideal para a realização das filmagens, em 26 de fevereiro de 1964 o filme começou a ser rodado com moradores do engenho juntamente com Elizabeth Teixeira que viajou com a produção do filme, porém, com a eclosão da ditadura, em 1 de abril o engenho foi invadido e o material apreendido, apenas 40% do roteiro original tinha sido rodado, sendo impossível a continuação do filme, isto só seria possível 17 anos depois, em fevereiro de 1981, quando Eduardo Coutinho reinicia as filmagens, encontra os antigos atores e relembra a memória sobre a criação das ligas camponesas.

O DVD de entrevistas é uma iniciativa de pesquisadores de diversas instituições, como: programas de pós-graduação em ciências sociais (PPGCS/UFCG), Pós-Graduação em Geografia (UFPB), Pós-Graduação em economia da UFPB, do Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA-UFPB), Militantes, sindicalistas, ex-assessores e lideranças dos movimentos em torno do objetivo de recuperar a memória das lutas camponesas no Brasil, diversas entrevistas foram feitas até o ano de 2006 nos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará.

"Memória camponesa as ligas camponesas na Paraíba" reúne as entrevistas sobre o surgimento da liga de Sapé, este seminário foi realizado no auditório da assembleia legislativa da Paraíba nos dias 28 e 29 de abril de 2006 com pessoas que participaram diretamente da criação das ligas bem como de familiares.

O cinema paulatinamente vem sendo mais usado em trabalhos historiográficos, desde a década de 70 as produções cinematográficas adquiriram o status de documento de suma importância na atualidade, desta forma, todo filme pode ser considerado um documento histórico, um arquivo vivo que foi testemunha de seu tempo.

Para análises historiográficas, os filmes se classificam, segundo o historiador Marc Ferro⁵, como documento primário e secundário, o primeiro analisa a época em que foi produzido, o filme é lido através da história podendo ser chamado de leitura histórica do filme, o segundo analisa a representação do

⁵ Ver: NOVA, 1996, P.2

passado, mas comumente um fato histórico, neste caso a história é lida através do cinema, classificado como leitura cinematográfica da história. Independentemente da análise, é importante frisar que estes filmes podem trazer à luz debates esquecidos, bem como criar outros, que de certa maneira dependem muito da análise do historiador.

Esse potencial pode e deve ser aproveitado pelo professor e por qualquer um que deseje refletir sobre a história, sem que, contudo, se perca a dialética entre o passado e o presente, ponto chave para análise e entendimento de qualquer "filme histórico" (NOVA, 1996, p.2).

O professor tem que fazer uso de outros recursos que chamem a atenção dos alunos para a reflexão de temáticas-chaves, as imagens, o filme, facilita o entendimento de assuntos que possam parecer enfadonhos ou desinteressantes, na era da informação, da tecnologia, da falta de tempo, estes recursos parecem ser importantíssimos tanto para o professor quanto para o historiador que precisam se adequar às novas diretrizes do mercado de trabalho já que este não pode fugir da lógica do capitalismo, pois como tantos outros profissionais vendemos nossa força de trabalho.

Os jornais analisados na década de 60 pecam em trazer reportagens de resistência de caráter cotidiano- tema já discutido no capítulo anterior em que Scott passa dois anos em uma vila para perceber este tipo de resistência- para manter o estigma que o homem do campo era violento, sendo mais comum reportagens de resistências mais abertas, de confrontação com o proprietário ou o estado.

Mesmo não sendo o enfoque principal deste trabalho chamo a atenção para a transformação do discurso feito pela elite política para arrecadar fundos tanto no exterior quanto na capital do país, fazem a manutenção de estigmas como "fome", "nordestino", "seca", e sabemos que são problemas que podem ser resolvidos com os devidos investimentos, eles colocam o benefício próprio conseguido através da corrupção acima dos interesses básicos de milhares de pessoas humildes, prática que é mantida até os dias de hoje.

Além deste discurso de inferioridade, os países estrangeiros, especialmente os Estados Unidos, estavam com um grande temor de revoltas de cunho

comunista, China e Cuba foram exemplos de países que fizeram revoluções que se iniciaram no campo, e a criação das ligas camponesas deixaram em alerta estes países, que colaboravam financeiramente aos pedidos de ajuda dos estados afetados. Nas figuras 1 e 2 fica evidente o discurso que é feito para arrecadar fundos em nome da “fome” e “miséria” da população.

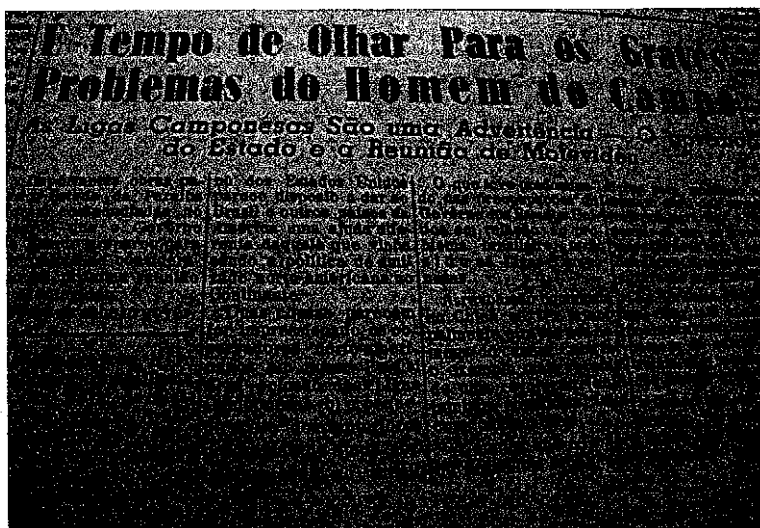


Figura 1 – Recorte de jornal: uma advertência.

Fonte: Gazeta campinense. CG, domingo, 9 de julho de 1961.

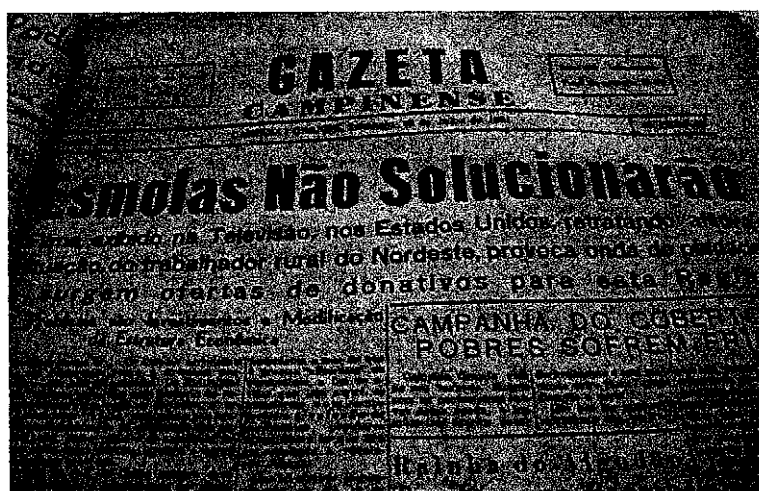


Figura 2 – Recorte de jornal: filme estadunidense.

Fonte: Gazeta campinense. CG, domingo, 16 de julho de 1961.

3.1 RESISTÊNCIA INICIAL – PRIMEIRA FASE

A resistência inicial, manifestada no primeiro momento por indivíduos que lutam contra esta ruptura no pacto paternalista, de reciprocidade, de garantia de vida proporcionada pelo alimento, pelo acesso à terra, escassez de direitos, da ruptura das relações, pode se tornar em um segundo momento em uma luta aberta, declarada, com apoio jurídico e político.

É este primeiro momento que será analisado, como estes homens conseguiram convencer outros companheiros a lutar e reivindicar? Mesmo com a ação violenta da polícia e de proprietários de terra? A esperança e o desejo de dias melhores habitavam a mente e os corações destes homens.

No filme "Cabra marcado para morrer" Elizabeth Teixeira fala ao diretor Eduardo Coutinho do início da resistência de João Pedro, juntamente com Manuel Serafim, quando eles ainda estavam em Pernambuco:

Elizabeth: - em 1945 João Pedro trabalhava em Cavalheiro numa pedreira que ficava aos arredores de Recife.

Eduardo Coutinho: - foi lá que João Pedro se tornou amigo de Manuel Serafim, os dois freqüentavam o mesmo templo batista e trabalhavam na mesma pedreira, Manuel ainda trabalha na pedra e continua morando em Cavalheiro distrito de Jaboatão no grande Recife.

Manuel Serafim: - em Cavalheiro ele já tinha aquelas idéias políticas deles de sempre ser pelo trabalhador, de trabalhar pelo operário, lutar pelos sindicatos, pela reivindicação do operário, aí foram deixando de dar trabalho a ele pelas pedreiras, vai oprimindo, aí ele saiu e foi pra Paraíba foi ser presidente da liga, aí eu disse assim pra ele, rapaz lá tem uns home perigoso, tem perseguições você não vai se dar bem, ele falou, eu vou dizer uma coisa a você eu não tenho vontade de morrer mais num tenho medo de morrer na bala por causa dessas coisas, ele falou assim, eu posso até morrer lá na bala mas é melhor do que morrer aqui de fome.⁶

Percebe-se no final do discurso o sentimento de mudança e a atitude necessária para iniciar uma resistência contra o regime. Já na Paraíba, inicialmente morando nas terras do pai de Elizabeth, João Pedro continuava sua luta contra as injustiças, juntamente com João Alfredo Dias (Nêgo Fubá) e Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro), conversando, orientando, estes trabalhadores humildes a se organizarem, esta conversa era feita no dia da feira,

⁶ Cabra Marcado para Morrer. (1984), cap.7

em cima de tamboretos, e no ano de 1958 é criada a "Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé" conhecida como Liga Camponesa de Sapé que tinha como presidente João Pedro Teixeira.

Elizabeth: - então papai manda nos chamar para Paraíba, e João Pedro começa a organizar as ligas... Ele trabalhava e morava no sítio e nas horas vagas à noite nos sábados e aos domingos ele saía ou os camponeses vinham pra nossa casa, ele conversava com eles, perguntava o que estava existindo, e outros já vinham jogados do sítio que o proprietário queria que salsse que não tinham direito a lavoura, e ele falava: "a companheiros é preciso de nós se organizar, nós organizados poderemos acabar com este estilo do proprietário tomar as nossas lavouras, mas enquanto agente não se organizar ele toma e fica tomado". A feira era o local da reunião e ele ficava convocando os camponeses pra se associar às ligas, perguntando quem queria entrar.⁷

A feira era o principal local desta resistência, seja ela inicial ou cotidiana tanto para aqueles indivíduos que usavam este local para reunião, disseminação das informações quanto para aqueles que no dia de feira percebem mais claramente a exploração que sofrem, seja pelos comerciantes ou atravessadores que fazem uso de pesos e medidas para enganar a população causando grande revolta nestas pessoas que já vivem com tão pouco.

Para situar o leitor é importante fazer a distinção entre resistência cotidiana e resistência inicial. Scott define como resistência cotidiana a dissimulação, fazer corpo mole, a submissão falsa, os saques, os incêndios premeditados, a ignorância fingida, a fofoca, a sabotagem e outras armas desta natureza. Thompson faz menção que os motins eram formas altamente complexa de ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros de "fixar preço justo" e aconteciam normalmente em dias de feiras em que os atravessadores enganavam estes trabalhadores.

Os fazendeiros passaram a evitar o mercado e a negociar com os intermediários e outros "atravessadores" na sua própria casa. (THOMPSON, 1998, p. 157)

Revolta geral entre a população campinense com a exploração desmedida de atravessadores (intermediários de venda dos gêneros alimentícios). Já houve duas tentativas de invasão de feiras por parte do

⁷ Cabra Mercado para Morrer. (1984), cap.7

povo revoltado com a ganância de comerciantes e abastecedores dos diversos mercados da cidade.⁸

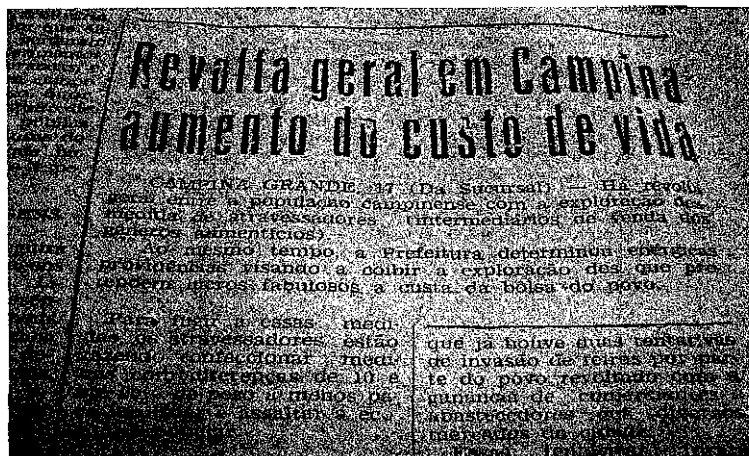


Figura 3 – Recorte de jornal: aumento do custo de vida.

Fonte: A União. JP, domingo, 18 de março de 1962.

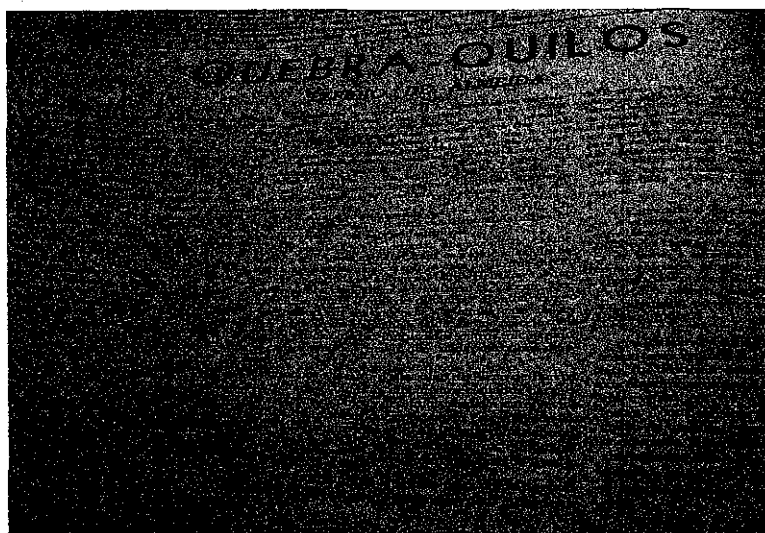


Figura 4 – Recorte de jornal: quebra-quilos.

Fonte: Gazeta Campinense. CG, domingo, 8 janeiro de 1961.

Estes recortes de jornais das figuras 3 e 4 fazem menção a este tipo de resistência cotidiana de revolta da população contra estes atravessadores que se iniciou dentro da feira – o mais importante o quebra-quilos em 1874 – é

⁸ A UNIAO. JP, domingo, 18 de março de 1962.

interessante frisar que nosso trabalho não objetiva especificamente perceber esta única forma de resistência cotidiana, pois como Scott bem frisou, não é uma documentação fácil de encontrar nas fontes, fato comprovado na documentação que tive acesso, desta forma a resistência inicial que me refiro mesmo não aparecendo às resistências cotidianas, são as ações que estes homens fizeram uso para iniciar a formação das ligas conversando, agenciando, disseminando a ideologia necessária para mudar a estrutura tão injusta que viviam, como também perceber as frustrações manifestadas através da repressão, e as expectativas com a criação das ligas.

As ameaças se acumulam para quem se associasse às ligas e ainda mais para os que encabeçam o movimento: nesta cena, de um diálogo entre um administrador e os camponeses sobre o aumento do foro⁹, fica evidente este tom ameaçador do proprietário e em contrapartida a resistência do trabalhador pela quebra das relações de reciprocidade que antes eram respeitadas.

Administrador: - João Pedro você é o cabeça, foi quem inventou estas idéias.

João Pedro: - é a necessidade que obriga a nos de complicar o caso.

Camponês: - olhe seu administrador eu to muito agitado com o senhor.

Administrador: - ta revoltado? Num divia, seu filho morre dou enterro, sua mulher adoce boto na maternidade, nada falta pra vocês.

Camponês: - o senhor ta muito fraco.

Administrador: - senhor de engenho não morre, administrador não morre, só quem morre é camponês.¹⁰

Este diálogo remete a esta quebra do pacto paternalista feito pelos proprietários quando estes exigem o aumento do pagamento do foro, e ainda lembram que usarão da violência se o pagamento não for feito, em contrapartida os camponeses resistem como podem se organizando, associando.

Esta era a forma mais eficaz para que a resistência inicial fosse interrompida, a violência. Ainda no filme Elizabeth fala de suas experiências na época das ligas em relação à violência do latifúndio.

Elizabeth: - haviam muitas injustiças por ali, assassinar homem do campo, era jogado pra fora sem ter direito a nada, perseguições, famílias abandonadas, eles tomavam a lavoura. Alfredo era associado da liga e era um homem lutador, os capangas do latifúndio mataram ele. Jogavam

⁹ Aluguel pago anualmente pelos camponeses aos proprietários de terra. Ver: Cabra Marcado para Morrer.

¹⁰ Cabra Marcado para Morrer. (1984), cap.8

pedra na porta da minha casa, várias vezes João Pedro foi preso por vários policiais.¹¹

Isto prova a força que cada indivíduo tem em transformar a história, em lutar, reivindicar, resistir, contra as arbitrariedades da classe dominante, a criação da Liga Camponesa de Sapé, independentemente de seus ganhos, é um exemplo fiel desta vitória de homens do campo lutando para modificar a estrutura em que estão inseridos.

Elizabeth: - várias vezes ofereceram dinheiro para João Pedro sair da luta, mas ele num saía era firme, nunca reclamava de nada, sabia que ia morrer porque via o ódio do latifúndio.¹²

Em 2 de abril de 1962 João Pedro foi assassinado brutalmente de emboscada, na tentativa que os camponeses se acovardassem e parassem de reivindicar por seus direitos, mas o assassinato do presidente da liga de sapé serviu como motivador para que outros companheiros liderassem o movimento contando com o apoio de milhares de camponeses, o movimento chegou ao fim apenas com a eclosão do golpe militar em 31 de março de 1964.

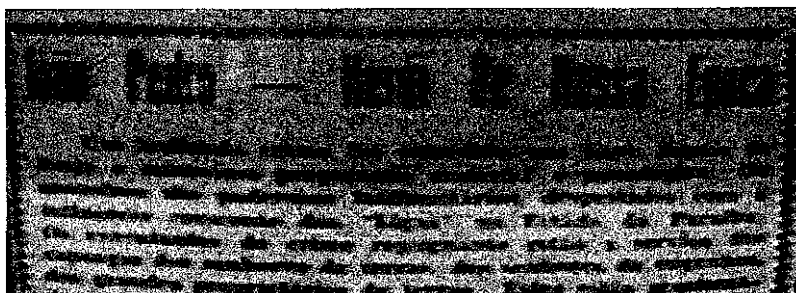


Figura 5 – Recorte de filme: João Pedro herói.

Fonte: Eduardo Coutinho, 1984.

¹¹ Cabra Marcado para Morrer. (1984), cap.9

¹² Cabra Marcado para Morrer. (1984), cap.9

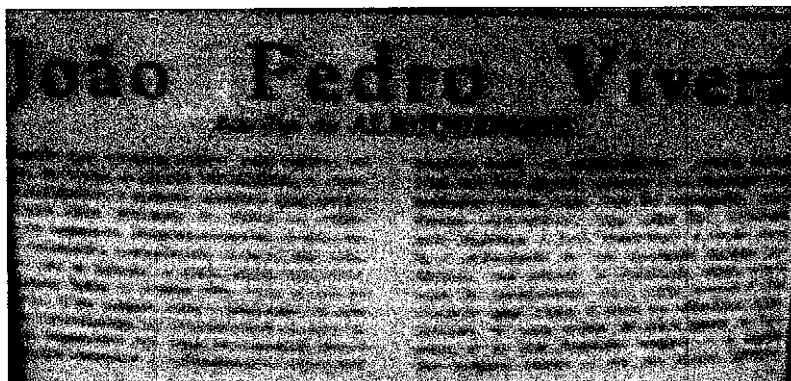


Figura 6 – Recorte de filme: João Pedro viverá.

Fonte: Eduardo Coutinho, 1984.

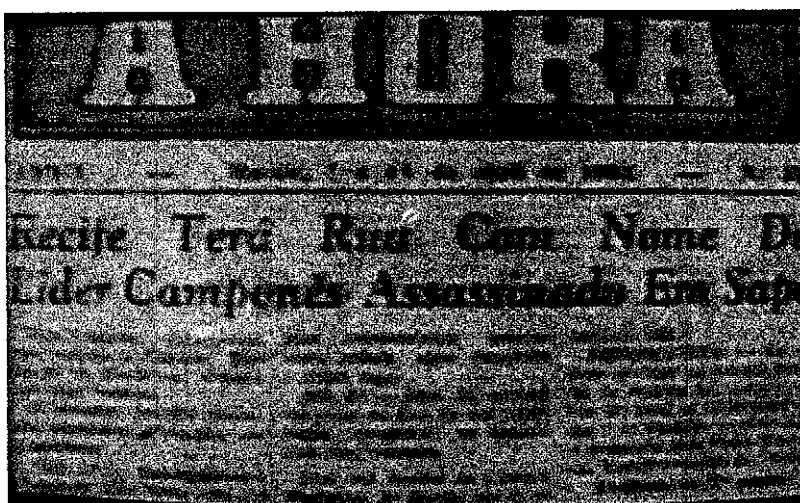


Figura 7 – Recorte de filme: nome de rua.

Fonte: Eduardo Coutinho, 1984.

As figuras 5, 6 e 7 fazem menção a esta memória camponesa de luta que permanece para futuros embates, a lembrança de um homem de coragem assassinado brutalmente não pode desaparecer.

Pessoas como João Pedro Teixeira, João Alfredo Dias (Negro Fúba), Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro), que foram os primeiros a se mobilizar, agenciando seus companheiros em dia de feira, subindo nos tamboretas, fazendo uso da boca-boca para disseminar a ideologia para que houvesse uma luta mais significativa contra o latifúndio, foram esses homens os principais responsáveis

por esta resistência inicial. Elizabeth reafirma no final do filme a importância desta resistência não somente do homem do campo, como também em todas as classes que são exploradas e tem seus direitos suprimidos -tema ainda muito atual que necessita de debates que apontem soluções- é uma prova fiel que a mudança pode se materializar, só depende de cada um de nós.

Elizabeth: - a luta não pára, a mesma necessidade de 1964 está plantada ela não fugiu 1 milímetro, a mesma necessidade na fisionomia do operário, do homem do campo, e do estudante, a luta que não pode parar, enquanto se tem fome e salário de miséria o povo tem que lutar, quem é que não luta por melhoras de vida? Quem tem condições e quem tem sua boa vida é que fica aí... Eu como venho sofrendo tenho que lutar até hoje, é preciso mudar o regime, porque enquanto tiver este regime e esta democracia num dá não... Democracia sem liberdade, democracia com um salário de miséria e de fome, democracia com o filho do operário e do camponês sem ter direito a estudar.¹³

No DVD de entrevistas Memória camponesa: as ligas camponesas na Paraíba, citaremos exemplos do início dessas resistências.

Dr. Assis lemos (presidente da federação das ligas camponesas da Paraíba): - quem começou isso, subindo nos tamboretas, nas feiras, para fazer os discursos, falar com os camponeses? João Pedro Teixeira, Pedro fazendeiro, Nego fubá que era o orador da ligas camponesas de Sapé, era quem convencia mais aqueles moradores, no dia de feira para entrarem nas ligas, o engenho que primeiro se organizou foi o engenho Miriri que tinha o companheiro Alfredo Nascimento como líder.

Neide Araujo (filha de Pedro fazendeiro):- me recordo das perseguições no campo quando ele estava trabalhando, plantando no roçado para a sobrevivência da família, ou ajudando outros companheiros que a lavoura tinha sido arrancada.

Geraldo Camilo (ex-prefeito de Mulungu): - eu cheguei ao movimento camponês pelas amizades que tive e ainda hoje me orgulho delas: Osmar de Aquino e Assis Lemos, acompanhei Osmar e seus seguidores em Guarabira, éramos muito atuantes acompanhei Assis Lemos em suas andanças pela zona rural no município de Sapé, mas me lembro muito bem de Elizabeth Teixeira na rua principal de minha cidade, na primeira oportunidade para fundar a liga camponesa de mulungu.¹⁴

Esses relatos comprovam não só a resistência inicial, como também a repressão e a disseminação das ligas pela Paraíba, chega o momento de mudança nesta estrutura de reivindicar pelos direitos do trabalhador.

Dr. Assis lemos: - e Alfredo foi ameaçado de morte e veio à Paraíba, veio a João Pessoa... Fomos à casa do governador Pedro Gondim que era o governador da época... Para pedir garantia de vida para que ele pudesse

¹³ Cabra Marcado para Morrer. (1984), cap.23

¹⁴ Memória Camponesa: as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01

voltar ao seu trabalho. O governador deu a garantia, chamou o comandante da polícia, o secretário de segurança e disse que a partir daquele instante Alfredo Nascimento estava com a vida garantida. Podia voltar para Miriri que nada iria lhe acontecer. Pois bem, companheiros, Alfredo voltou e foi chegando na fazenda e o administrador, que era um sargento da polícia, partiu pra cima dele, atirou e matou Alfredo. Foi o primeiro líder camponês morto na Paraíba, dessa forma e ele era um grande líder que tinha conseguido que todos os camponeses, quase 700 ou 800 camponeses que moravam no engenho de Miriri se associassem à liga camponesa de Sapé. A partir daí a luta contra o "cambão"¹⁵ se intensificou.¹⁶

Os camponeses continuavam a sua luta contra esta quebra das relações que existiam outrora com o proprietário -tema que já foi estudado no primeiro capítulo em que Thompson chama a atenção sobre esta quebra no pacto de reciprocidade- mesmo com os assassinatos, esses homens não se acovardaram, a luta se tornaria ainda mais feroz.

Elizabeth: - tinha acontecido um tiro na cabeça do meu filho Paulo Pedro Teixeira, com dez anos porque os carros que passavam na estrada... Ele ficava em casa e gritava: "mataram meu pai, mas quando eu crescer eu mato o bandido que matou o meu pai" o que aconteceu? O mesmo que mandou tirar a vida de João Pedro Teixeira manda um capanga com uma espingarda dar um tiro.

Marina dias Virginio (Irmã de Nego Fubá): - meu irmão foi tudo pra mim, eu sofri muita humilhação naquela cidade de Sapé... Invadiram a minha casa procurando armas nunca encontraram nada.

Neide Araujo: - recordo um dia, quando eu saía do colégio... E quando cheguei na porta da minha casa, no caminho de casa, vi meu pai passar em cima de um caminhão... O certo é que meu pai ia escoltado em cima de um caminhão, fileiras de soldados, aqueles caminhões que tinham os bancos em cima, as fileiras de soldados de um lado e do outro e meu pai no meio deles... Me lembro de uma vez que ele foi preso o Major João de Barros, tinha uma sede muito grande nele. Deu-lhe um tapa na cara... E meu pai disse: "Major em cara de homem não se bate" e ele bateu outra vez...

Dr. Assis lemos: - esses dois companheiros estavam presos aqui no quartel do 15º batalhão de infantaria eu estava preso numa cela e João Alfredo na outra, no dia 29 de agosto de 1964, a noite, soltaram João Alfredo, me transferiram pra outra cela que tinha Antonio Bolinha, que foi prefeito de Rio Tinto e Pedro Fazendeiro. Nós três ficamos numa cela, e no dia 7 de setembro, depois da parada militar, um sargento diz: "seu Pedro, prepare suas coisas que você vai ser solto..."¹⁷

¹⁵ Era o trabalho gratuito em que o trabalhador, para morar em uma fazenda, tinha que dar dois, três, quatro até cinco dias de trabalho de graça na fazenda do proprietário para poder plantar ao redor do seu casebre. Ver: Memória Camponesa as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01

¹⁶ Memória Camponesa as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01

¹⁷ Memória Camponesa as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01

O golpe militar de 1964 impossibilitou qualquer mudança que as ligas camponesas estavam implementando para o homem do campo. Mas as mudanças ainda podem acontecer só depende da mobilização de cada um de nós e a educação é um ótimo veículo de disseminação para essas mudanças.

Dr. Assis lemos: - então companheiros a grande luta, hoje no campo, em nosso país é exatamente conquistar novamente a reforma agrária e a reforma agrária não irá beneficiar apenas ao trabalhador do campo irá beneficiar a todo Brasil.¹⁸

Os jornais da época que tive acesso não noticiam essas resistências iniciais desses camponeses, tema já discutido no primeiro capítulo, no entanto fazem menção a outras mobilizações como passeatas, comícios, e menção às ligas camponesas, que nada mais são do que esta segunda fase de resistência destes homens humildes.

3.2 RESISTÊNCIA ABERTA – SEGUNDA FASE

Esta é a fase em que de fato há um confronto aberto contra o sistema que oprime o trabalhador, os laços que garantiam a segurança alimentar, baseada na posse da terra, não é mais assegurada, então esta resistência se dá mais respaldada no direito, na política com a criação das associações, e com um crescente número de filiados nas ligas, os confrontos se tornavam cada vez mais comuns.

É neste cenário de violência, com o aumento do foro, aumento do cambão, expulsão da terra sem prévia indenização, um cenário de fome e miséria para este homem do campo que surgem as ligas, desta forma a luta aberta se configura, e após o assassinato do presidente da liga, aumenta o número de associados. O filme de Eduardo Coutinho mostra um pouco desta adesão em massa dos camponeses.

¹⁸ Memória Camponesa: as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01.

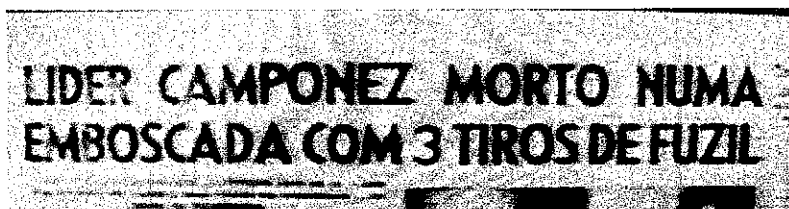


Figura 8 – Recorte de filme: morte em emboscada.

Fonte: Eduardo Coutinho, 1984.



Figura 9 – Recorte de filme: enterro de João Pedro.

Fonte: Eduardo Coutinho, 1984.

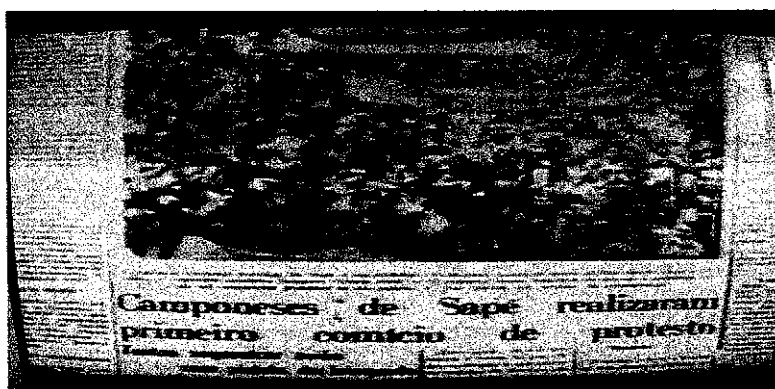


Figura 10 – Recorte de filme: comício.

Fonte: Eduardo Coutinho, 1984.

No DVD de entrevistas focalizo os discursos que façam menção à resistência aberta.

Elizabeth Teixeira: - e chegou o momento dele fundar a liga camponesa em Sapé que foi fundada por João Pedro Teixeira, em 1958.

Dr. Assis lemos: - o engenho que primeiro se organizou foi o engenho Miriri que tinha o companheiro Alfredo Nascimento como líder de todos aqueles companheiros.

Elizabeth Teixeira: - com o assassinato de João Pedro eu assumi, no momento em que vi ele assassinado, peguei na mão dele e disse: "João Pedro eu vou assumir a sua luta para o que der e vier" e assumi a luta, a presidência da liga camponesa de Sapé.¹⁹

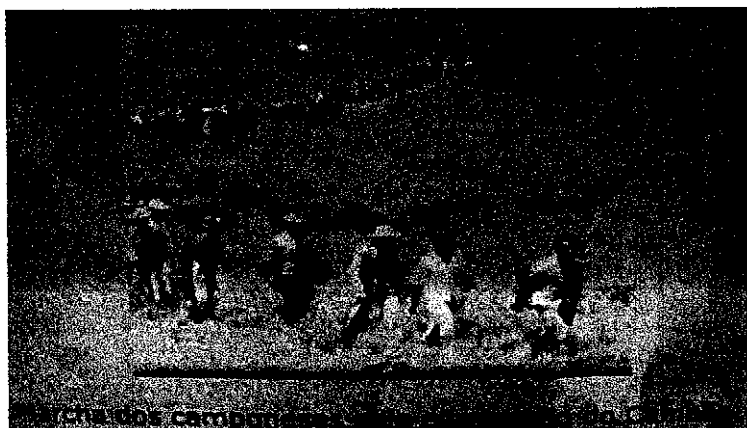


Figura 11 – Vídeo de entrevistas: marcha dos camponeses.

Fonte: Fabio R. da Silva, 2006.



Figura 12 – Vídeo de entrevistas: marcha dos camponeses II.

Fonte: Fabio R. da Silva, 2006.

Nas figuras acima se nota a passagem desta resistência inicial para a resistência aberta, depois das conversas nas feiras, da conscientização, da

¹⁹ Memória Camponesa: as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01

necessidade de luta, os camponeses se mobilizam e marcham para exigir a eliminação do cambão.

A liga reivindicava os direitos de trabalhadores que eram desrespeitados, a exemplo do pagamento do foro em dinheiro e possibilidade de compra em qualquer barracão -não apenas no do proprietário- pagamento do salário mínimo, que era lei desde 1942, assistência jurídica e social, ou seja, as condições mínimas necessárias para uma pessoa trabalhar, as vitórias se acumulavam, para entender um pouco desta assistência jurídica farei menção à entrevista de uma advogada da liga da Paraíba.

Ofélia Amorim: - então começaram a fazer processos judiciais, notificava para desocupar, e se o camponês evidentemente não tivesse advogado decorria o prazo que lhe foi dado ele seria despejado, então começamos a fazer este trabalho de defender a posse. Agora, além deste trabalho, também na área trabalhista havia a parte criminal. É lógico que nós estávamos, ali, na defesa dos que fossem agredidos, dos que fossem espancados.²⁰

Esta forma de resistência que o camponês fez uso, permanecendo na terra pelo direito de posse garantido pelo direito civil provocou a ira dos proprietários, os confrontos aumentavam paulatinamente. Esta notícia comprova o clima de confronto na Paraíba, em 18 de março de 1962, o jornal A União traz reportagem sobre o engenho de Miriri, e o confronto entre moradores e proprietários, o advogado da liga João Santa Cruz afirma que houve várias tentativas de negociação:

Tentou-se uma conciliação para o problema houve uma reunião entre as partes e procurei serenamente justificar a possibilidade de uma solução sem sacrifícios à lavoura dos moradores. Talvez o proprietário julgasse uma quebra de posição tratar, conciliatoriamente, com os camponeses, o que não se justifica, pois tal atitude seria um puro complexo de aristocracia rural já superado.²¹

²⁰ Memória Camponesa as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01.

²¹ A UNIAO: JP, domingo, 18 de março de 1962.



Figura 13 – Recorte de jornal: Santa Cruz.

Fonte: A União. JP, domingo, 18 de março de 1962.

Ainda segundo o jornal, o engenho Miriri é um latifúndio com cerca de 14 mil hectares, situado entre Sapé e Mamanguape onde ainda se pratica os velhos moldes de cambão, a lavoura canavieira, e a tradicional pecuária do proprietário, então a agricultura de subsistência do pobre camponês ia se tornando cada vez mais impraticável -já que os proprietários comumente soltava o gado para danificar as lavouras na intenção que estes saíssem de suas terras- a lei do inquilinato no artigo 20 garante a prorrogação dos contratos rurais de qualquer natureza, ou a prévia indenização em dinheiro pelas benfeitorias do trabalhador.

Outro jornal de época noticia os embates entre camponeses e proprietários, em 20 de março de 1962, cerca de 15 dias antes do assassinato de João Pedro Teixeira, o Correio da Paraíba traz a reportagem: “Problema Camponês: Governo espera solução democrática” o secretário do interior e segurança Silvio Porto se encarrega de fazer uma exposição a respeito do problema camponês na Paraíba:

O conflito entre proprietários e camponeses não é um fenômeno puramente Paraibano. É um fenômeno que preocupa todos os estados da federação, Pernambuco, Bahia, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul. Não poderia por isso oferecer explicações cabais a respeito de seus fundamentos, dos fatos sociais que lhe dão origem, mas tão somente dentro da área de atrito que limita e convoca a ação policial.²²

²² Correio da Paraíba: terça-feira, 20 de março de 1962.

É evidente a tentativa de retirar a responsabilidade do estado sobre os conflitos agrários, e ainda afirma que não há clima de subversão na Paraíba, existem apenas focos que estariam sendo solucionados.



Figura 14 – Recorte de Jornal: solução democrática.

Fonte: Correio da Paraíba. JP, terça, 20 de março de 1962.

Não há clima de subversão na Paraíba, citou o caso de Guarabira, onde existem três mil proprietários rurais e apenas uma liga camponesa. Somente no município de Sapé, existem dois focos de inquietação: Miriri e Marau e em algumas fazendas no município de Pilar. No resto do Estado, não há uma reclamação, uma denúncia, de ponto de inquietação e agitação gerada pelo problema camponês.²³

Esta Vitória com a liga camponesa de Sapé acabou se disseminando pela Paraíba, Mamanguape, Guarabira, Areia, Alhanda, Santa Rita. É inegável o impacto que causou na vida desses trabalhadores que por um certo momento teve algumas vitórias contra os poderosos proprietários de terra, só que com a eclosão do golpe militar ficou impossível a sua continuação devido tamanha violência usada contra os camponeses.

²³ Correio da Paraíba: terça-feira, 20 de março de 1962.

4 UTILIZAÇÃO DO TEMA NA SALA DE AULA

Este trabalho acadêmico pode ser facilmente introduzido na sala de aula, o tema em questão é excelente para se chamar atenção para a temática da reforma agrária no Brasil, como também de outros temas que pode ser feita menção a exemplo da economia moral, a introdução do capitalismo, a fome, as ligas camponesas, a seca, já que é notória a participação de todos, principalmente os estudantes, para que este projeto que tramita a tanto tempo no congresso nacional possa ser posto em prática mais rapidamente.

Filmes, jornais, entrevistas, usado como fonte neste trabalho, podem trazer um olhar crítico para os alunos referente aos problemas enfrentados não só no campo, como também na cidade, os confrontos, as memórias das lutas, os ganhos que as ligas camponesas proporcionaram em seu tempo, como também para a atualidade.

O professor como um auxiliar na formação de consciência tem este papel de mostrar soluções para seus alunos, especialmente os mais pobres, já que as transformações sociais são lentas, se ainda é possível acreditar em mudanças, mostrar que cada um de nós tem seu papel dentro da sociedade, exercendo a cidadania, e que é possível uma transformação, o que fazer? O que mostrar? Já que os exemplos de corrupção, de concentração da renda, de rico oprimindo o pobre, de uma estrutura capitalista que parece ser insuperável, são tão desestimulantes.

Jose Arnóbio (Liga de Mamanguape): – Antes das ligas a gente trabalhava no regime de escravo a gente não tinha direito, a gente só tinha direito a trabalhar e a sobrevivência era muito pouca, era do tipo de escravo, depois da liga foi que trouxe toda liberdade para a gente.

Dr. Assis lemos: – As conquistas que as ligas camponesas fizeram para a Paraíba: postos médicos com remédios, enfermeiros, médicos 24 horas de plantão... 3 hospitais, um em Cabedelo, outro em Campina Grande e outro que seria construído em Sapé.²⁴

²⁴ Memória Camponesa: as Ligas Camponesas da Paraíba (2006), cap. 01.

Estes depoimentos são relatos verdadeiros de pessoas que testemunharam mudanças na sua estrutura, fato que prova ser possível uma transformação. É bom frisar que não são apenas os mais pobres que têm seu papel na transformação social, a classe média e a elite também tem suas obrigações, a violência demasiada com roubos, latrocínios, seqüestros, afetam diretamente esta classe, a sociedade está à beira de um colapso, as drogas também são outro fator que ceifam a vida de milhares de pessoas independentemente de sua classe.

A luta, através da resistência, ainda é a única forma de pessoas pobres buscarem melhorias salariais, de salubridade, de qualidade de vida, esta relação de dominação precisa estar em um patamar mínimo de aceitabilidade, onde os preceitos de humanidade possam ser respeitados, o direito à alimentação, que é o primordial da vida humana precisa ser assegurado, é inconcebível que alguns homens lucrem em cima da penúria e miséria de populações inteiras.

A memória deixada por lutas, a exemplo das ligas, é essencial para que na contemporaneidade os indivíduos possam agir, mesmo que as estruturas mudem de acordo com o tempo, só que para isso acontecer a disseminação da transformação tem que ocorrer através da educação. Veja um exemplo de pessoas que se revoltaram contra o aumento abusivo.



Figura 15 – Recorte de jornal: choque entre estudantes e praças.

Fonte: A união. JP, domingo, 03 de janeiro de 1960.

Deu origem ao conflito uma passeata de protesto que estava sendo preparada com cartazes e o enterro simbólico de um estudante contra o aumento das refeições de 2 para 25 cruzeiros.²⁵

Este é um exemplo de um fato que se assemelha muito com os analisados por Thompson no século XVIII na Inglaterra, os motins, os tumultos que lutavam contra aumentos abusivos, se pode fazer um paradoxo com o caso exposto acima de muita valia para traçar um perfil da época como também apresentar a mesma temática em períodos diferentes.

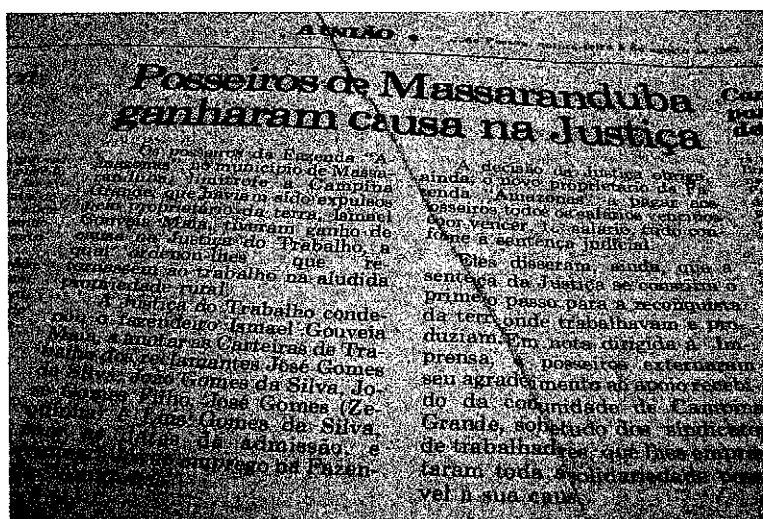


Figura 16 – Recorte de jornal: Massaranduba.

Fonte: A União. JP, quinta-feira, 5 de agosto de 1982.

Esta notícia enfatiza a vitória que posseiros conseguiram contra um grande proprietário de terra, temos que fazer menção que esta vitória foi possível graças a influência das ligas de Sapé na implementação da reforma agrária no Brasil -já que este episódio ocorreu em Massaranduba limítrofe da cidade de Campina Grande no ano de 1982- podemos inferir que os ganhos das ligas foram de grande valia não só no seu período como também na atualidade. É esta memória que o professor tem que estimular em seus alunos para que possam mudar a sua vida e conseqüentemente a sociedade.

²⁵ A UNIÃO: JP, domingo, 03 de janeiro de 1960.

Os posseiros da fazenda amazonas que haviam sido expulsos pelo proprietário de terra, Ismael Gouveia Maia, tiveram ganho de causa na justiça do trabalho, a qual ordenou-lhes que retornassem ao trabalho, o proprietário ainda teria que pagar aos posseiros todos os salários vencidos e por vencer, 13º salário, tudo conforme a sentença judicial.²⁶

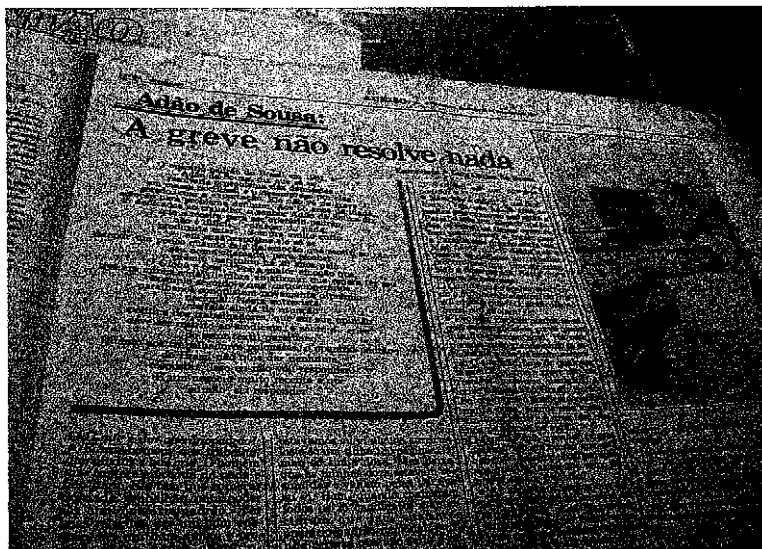


Figura 16 – Recorte de jornal: greve.

Fonte: A União. JP, domingo, 13 de dezembro de 1981.

Ainda se pode chamar a atenção para as forças ideológicas de convencimento para manter o pobre oprimido e sem interesse de lutar e reivindicar por seus direitos e por melhorias salariais, um exemplo é a criação do “operário padrão” ou “funcionário do mês” que premia trabalhadores para que eles não usem de resistências como fazer “corpo mole”, “dissimulação”, pequenos furtos, eles teriam que estar imbuídos de sempre produzir o máximo possível para o patrão, a possibilidade de greve não poderia nem passar pela cabeça de quem queria se tornar um “operário padrão”. Em 1981 um paraibano ganha o prêmio nacional de operário padrão e dá dicas de como se comportar para que outros trabalhadores venham ganhar o prêmio.

Adão de Souza: - é um homem que trabalha, que produz e que cria. O homem que começa sua vida do nada e não para. Ele tem que começar

²⁶ A UNIAO: JP, quinta-feira 05 de agosto de 1982.

do nada, trabalhar para ser um operário-padrão. Ter boas relações, ser um bom operário, ser um bom amigo e produzir. Isto é um operário-padrão.²⁷

Ele ainda enfatiza que não vê na greve solução para problema nenhum, e que os trabalhadores não devem interferir na política trabalhista, devendo ser função exclusiva dos sindicatos. Desta forma nem este operário nem outros que queiram seguir seu exemplo vão resistir contra a estrutura capitalista. Cabe ao professor enfatizar que esta não é a melhor opção -desta forma o aluno estará motivado em problematizar fatos que ele encontra em seu cotidiano- de se tornar um operário "babão", que suporte todos os tipos de exploração, a força de trabalho, fonte de toda riqueza, precisa ser distribuída em um patamar aceitável.

Desta forma fica evidente que o adequado uso deste trabalho com a ajuda de filmes, jornais, revistas, podem ser facilmente introduzidos em uma sala de aula pelo professor, como também um trabalho acadêmico, que pode ser taxada como de linguagem culta, de difícil entendimento para quem não estiver dentro da academia, para as pessoas de menos acesso à educação, este item serve exatamente para mostrar que é possível introduzir trabalhos acadêmicos na sala de aula.

²⁷ A UNIAO: João Pessoa domingo, 13 de dezembro de 1981.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho demonstramos que a resistência é a única forma de tentar diminuir os impactos causados pela introdução do capitalismo. A economia moral não é mais capaz de assegurar a sobrevivência dos mais pobres, devido à irracionalidade do homem moderno e da falta de compaixão pelo próximo, a humanidade caminha paulatinamente para sua própria extinção.

Ao longo do tempo, esta ruptura da tradição, causadas principalmente nos meios de produção, vem sendo expostas por excelentes historiadores a exemplo de Thompson, James Scott, Castro Neves, entre outros, é necessário que as teorias de transformações sejam postas em prática, e não fiquem apenas no papel, nos projetos.

O surgimento das Ligas Camponesas na Paraíba, como em todo o Brasil, tinha uma ideologia de distribuição de terra, queriam plantar alimentos, exigir que a função da terra no que cabe a Justiça Social fosse exercida, a reforma agrária iniciada com algumas desapropriações no tempo das ligas, infelizmente foram suprimidas pela eclosão da ditadura militar em 1964.

É tempo de reivindicar não só pela reforma agrária, como também por todas as formas de melhorias do trabalho, trouxemos alguns exemplos de resistência nesta pesquisa e acreditamos ser de suma importância para o leitor, seja ele qual for, seja ele em que setor trabalhar, certamente podemos por em prática, modelos, procedimentos, ou melhor dizendo, uma ideologia de vida capaz de tornar a sociedade um lugar melhor para viver.

Não estamos afirmando que esta monografia é a chave para todos os males que assolam a humanidade, é evidente que estudos sobre as resistências tanto no campo quanto na cidade estão em aberto, como também de outros ramos que cercam o capitalismo, a exemplo da implementação da tecnologia na produção e o conseqüente desemprego, a religião e seu discurso conformista, a seca como pano de fundo para arrecadar recursos, enfim, espero que este trabalho possa despertar novos olhares para estas temáticas.

No que se refere à sala de aula, é vigente a necessidade de inovação na metodologia com a implementação de novos recursos a exemplos de filmes, revistas, jornais, e até de trabalhos como este, desde que o professor faça a devida introdução da temática com os alunos.

A memória da resistência desses camponeses precisa ser disseminada, muitos foram expulsos das terras, espancados, mortos covardemente acreditando em mudanças, desta forma, precisamos continuar este processo de mudança, para que as pessoas mais pobres possam viver em uma sociedade verdadeiramente mais humana, é inconcebível que em um país que produz tanta riqueza como o Brasil milhões de pessoas ainda vivam abaixo da linha da pobreza.

REFERÊNCIAS

CASTRO NEVES, Frederico de. *Economia moral versus moral econômica (ou o que é economicamente coreto para os pobres?)* In Projeto História, São Paulo, (16), fev, 1998.

JULIAO, Francisco. *Que são as Ligas Camponesas (1962). Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas, v.1/ organização Clifford Andrew Welch... [et al.]* – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de estudos agrários e desenvolvimento rural, 2009.

NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. *Capitulo 2: Campesinato, Economia Moral e Resistência.* In: Os Aymara: Construindo a Revolução Índia no ciberespaço. Campina Grande, 2009. (tese de doutorado UFPB-UFCG). (p.69-105).

NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará.* Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. (coleção diálogos; 3)

NOVA, Cristiane. *O cinema e o conhecimento da história.* In: O olho da História: revista de historia contemporânea. Salvador, v. 2, nº. 3, 1996.

RANGEL, Maria do socorro. *Medo da morte e esperança de vida: uma história das ligas camponesas na Paraíba.* Dissertação de mestrado. Unicamp, 2000.

SCOTT, James C. *Formas cotidianas da resistência camponesa.* In: Raízes. Campina Grande, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan.\jun.2002.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum.* São Paulo: companhia de letras, 1998.

FILMOGRAFIA

Cabra marcado para morrer. Eduardo Coutinho, 1984.

Memória camponesa as ligas camponesas da Paraíba. Fábio R. da Silva, Glauco F. Machado e Marilda A. Menezes, 2006.

JORNAIS

Biblioteca Átila Almeida (UEPB) Universidade Estadual da Paraíba.

A união: JP, domingo, 3 de janeiro de 1960.

A união: JP, domingo, 18 de março de 1962.

A união: JP, quinta-feira, 5 de agosto de 1982.

Correio da Paraíba: JP, terça-feira, 20 de março de 1962.

Gazeta campinense: CG, domingo, 8 de janeiro de 1961.

Gazeta campinense: CG, domingo, 9 de julho de 1961.